

Anistiado político: HECIVAL ALVES DE CASTRO

Data de nascimento: 03/07/1939

Meu nome é Hecival Alves de Castro. Nascido aqui na cidade de Goiás e residindo aqui até hoje. Eu realmente vivi numa família de políticos. Meu pai era político, meu tio era político e tinham uma grande participação na vida político-social da cidade. A família sempre que se reunia discutia política. Mas o fato que deflagrou esse processo de inserção política da gente foi o suicídio de Vargas, em 1954. Aquilo causou um impacto muito grande pelo inesperado. E naquela época as notícias, a comunicação aqui na cidade de Goiás era toda feita pelo rádio. E o repórter Esso com todo aquele sensacionalismo ia trabalhando o emocional da gente para aquelas questões todas. E durante aqueles vinte dias tumultuados a gente foi acompanhando. A cada dia novas emoções eram vividas e teve o seu clímax na madrugada do dia 24, naquela famosa reunião do Palácio do Catete. O meu pai interessado no desenvolvimento daquele movimento ligou o rádio de madrugada. Tocavam aquelas marchas militares, aquelas conclamações dos repórteres. De manhã estava indo para o ginásio e estoura a notícia do suicídio dele. Aquilo me causou um impacto muito grande. O suicídio de Vargas travou um golpe que estava em pleno desenvolvimento e adiou em 10 anos a tomada do poder pelos militares. A carta de Vargas também teve um impacto enorme na sociedade, levou o povo para as ruas, houve depredações... Aquilo causou uma comoção muito grande. A partir daquele momento passei a me interessar pela vida política do Brasil. Em seguida, em 1956, há o contragolpe do Lott com todo aquele discurso nacionalista. Logo seguida fui para Goiânia estudar e lá me envolvi com Tarzan de Castro, Élio Cabral, Félix de Moura e com um grupo de jovens que também foram tocados por aquele movimento e que desenvolviam um pensamento mais progressista de acordo com a soberania nacional. O que se discutia naquele momento era a teoria nacionalista – o Brasil se apropriar de suas riquezas, o Brasil tornar-se independente da exploração americana, o Brasil, enfim, encontrar o seu desenvolvimento próprio que o levasse ao encontro de sua destinação histórica. Então, aquela juventude, principalmente do Lyceu que tinha a participação dos grêmios, passou a ter uma preocupação não somente com as eleições dos seus grêmios estudantis, mas também com os grandes temas nacionais, principalmente a soberania nacional. E essa geração é tocada por um grande acontecimento que marcou a América Latina, que é a Revolução Cubana. Naquele momento a figura de Che Guevara, de Fidel Castro, do Comandante Almeida aquilo excitou a imaginação romântica dessa juventude. Então, nós também, começamos a sonhar não só com a soberania do Brasil, mas com uma revolução que viesse a modificar profundamente as estruturas sociais, econômicas e políticas do Brasil. Não se tratava mais de defender a Petrobrás, a escola pública e gratuita, defender as mulheres que estavam sendo esterilizadas na Amazônia, a apropriação da Amazônia, a defesa do mogno no norte do estado. Todas essas lutas tomaram uma proporção maior com a Revolução Cubana. Queríamos uma revolução no Brasil também, que rompesse com toda aquela estrutura arcaica da sociedade brasileira. E esse grupo foi tomando uma consciência maior de sua participação na vida política da Nação. E outro grande momento que marcou também profundamente a nossa luta foi a renúncia do Jânio.

MILITÂNCIA

Em 1955, um ano depois do suicídio de Vargas, eu já estava em Goiânia e acompanhei toda essa movimentação da UGES - União Goiana dos Estudantes Secundaristas, da UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas, dos grêmios estudantis dos colégios Félix de Bulhões, Ateneu Dom Bosco, Escola Técnica Federal, Pedro Gomes, Lyceu de Campinas. Eram os grêmios que movimentavam toda a política estudantil. Os congressos estudantis da Uges – congressos de Itumbiara, Rio Verde, Goiânia... Foi uma geração que se fez principalmente no debate. Era bonito, o jovem ele se fazia, se insinuava através do seu discurso, através da sua oratória. Eles se especializavam. Muitos tomavam até aula de dicção, se preparavam para ter desempenho nos congressos estudantis. Então, iniciei nesses grêmios estudantis. Estudei no Ateneu Dom Bosco, atuei no grêmio junto com Eldório Pedrosa e outros elementos. A gente já tinha uma participação lutando pelas reivindicações estudantis. Tinha o jornal, a imprensa estudantil e tínhamos atritos muito grandes com os padres lá porque eles tentavam interferir na vida do grêmio e nós queremos uma soberania maior na sua atuação. E, justiça seja feita, teve momento que eles desistiram de impedir a atuação do grêmio. Chamava grêmio Auriverde e foi um grêmio de muita participação, especialmente junto a UGES que era a entidade que congregava todos os estudantes secundaristas do estado de Goiás. E se impunha nesses congressos estudantis. E como eu disse anteriormente, era essa oratória que ditava quais os grêmios teriam maior participação através de seus representantes, de suas oratórias, de suas teses, de suas propostas nacionalistas, de autonomia, de reivindicação contra aumento de passagem de ônibus, meia entrada no cinema – isso era sagrado para os estudantes. Esses eram os temas que movimentavam a vida estudantil.

Teve um comício em 5 de março que foi dissolvido a bala e deflagrou um movimento muito grande entre os estudantes no estado de Goiás, principalmente entre os grêmios estudantis de Goiânia. Aquela ação do governo do José Feliciano. A partir daí a presença dos estudantes passou a tomar uma dimensão maior – antes estava restrita aos grêmios e agora passa a ser também na política partidária. Aí surge a grande liderança do Péricles, do Tarzan, do Élio Cabral que vão se desligando um pouco do movimento estudantil e começam a participar na vida política do estado, dentro dos partidos políticos: do PSD, do PDN, do PDC. Esses partidos também começam a acoplar, a buscar essas lideranças que eram grandes oradoras. O Péricles, por exemplo, foi o maior orador estudantil do Brasil. Era muito comum as entidades fazerem torneio de oratória.

Agora temos que lembrar que a partir da ditadura do Estado Novo grandes lideranças da esquerda vieram para Goiás. Foram perseguidas no nordeste, no sul e vieram para Goiás viver com suas famílias. O Cristiano Ribeiro, fundador do Partido Comunista do Brasil, foi professor na Faculdade de Direito de Goiás. Essa zona da estrada de ferro foi uma zona do Partido Comunista. Catalão foi um grande centro de comunistas. Aqui em Goiás, também em 1946, eles faziam passeatas e painéis reivindicando melhores salários e comida para a

população. Havia um partido comunista muito forte aqui e essas lideranças foram para Goiânia. E Goiânia também surge dentro de um contexto assalariado. Gente do nordeste, de todo o Brasil veio para Goiânia a fim de fundar a cidade. Ela foi feita fundamentalmente por essas populações pobres, humildes, excluídas. E há também grandes líderes intelectuais, Bernardo Elis, Eli Brasiense, Maximiliano da Mata Teixeira que eram homens de esquerda, mas com penetração no governo. Maximiliano foi desembargador e presidente do Tribunal de Justiça. Bernardo Elis foi diretor da Imprensa Oficial. Havia a revista Oeste que abriu espaço para grandes intelectuais da época. A geração de 1945 em Goiás tem espaço fundamentalmente na revista Oeste. E isso, claro, vai criando um ambiente dentro da juventude. Muitos deles eram também professores nas faculdades. E tinham grandes professores que levavam para lá essas grandes teses, fazendo a cabeça da juventude. Esses professores tinham tanta credibilidade não só social, mas, também, com os alunos porque eram abertos, conversavam com eles, se reuniam com os alunos no pátio. Não havia um distanciamento entre a cátedra e os estudantes. É claro que havia grandes canalhas, mas foi a participação desses professores de esquerda que fundamentalmente formou essa geração.

Teve problemas em Goiás que foram grandes temas nacionais: mudança da capital, a Petrobrás - na greve de 1955 os estudantes erguem uma torre de madeira no centro de Goiânia. O Centro Acadêmico Onze de Maio participou dessas grandes campanhas nacionais. Outro problema foi o mogno que a empresa imperialista Rimpex estava devastando o norte do estado de Goiás. Então o Declê Crispim, que foi uma grande liderança, o Haroldo de Brito Guimarães, o Hélio de Brito Guimarães, essa juventude toda formada dentro dos parâmetros da esquerda, do pensamento progressista. E eram grandes intelectuais, grandes poetas que tinham grande penetração com a juventude. Então quando a gente vai para Goiânia já encontra esse ambiente de efervescência cultural. Através da UBE, do Geraldo Vale que era um boêmio e vivia entre essa juventude, o Bernardo Elis, em 1955, lança O Tronco, que foi um acontecimento literário, relatando a luta dos coronéis no norte do estado. Tudo isso forma essa juventude.

Também o estado já não estava tão isolado como era quando a capital era aqui (cidade de Goiás). Goiânia surge como uma metrópole, com a proposta de inserção de Goiás no mundo moderno. Essa foi a proposta de Goiânia. Goiânia era o moderno, o avanço, o novo, o progresso. Então, aquilo cria o consciente coletivo. E essa juventude assimilou essa ideia de progresso. Foi fácil a gente assimilar e integrar essas lutas, esses grandes temas nacionais. Houve um conjunto de fatores que contribuiu para que Goiânia tivesse essa efervescência cultural e política. Lançamentos de livros, palestras, o relacionamento entre intelectuais e juventude. Eram intelectuais ligados a uma causa, a busca de justiça social e não esses intelectuais dissociados da realidade.

UGES

Fui do grêmio do Atheneu Dom Bosco e da UGES. Formei ao lado do Tarzan, do Élio Cabral, do Dinis, do Herlan, do Péricles - esse grupo que lutava contra o grupo da direita. O Zé Martins, o Xavier, esse grupo que detinha o comando da política estudantil. Esse grupo do Tarzan abre uma dissidência no congresso de Itumbiara, a Fleg - Frente Livre dos Estudantes do Estado de Goiás. Esse grupo junta com o Movimento Cinco de Março, rompe com a UBE, que era de direita, e cria UGES com maior participação, maior militância, maior disponibilidade. Depois esse grupo do Tarzan acaba assumindo completamente o controle da UGES e desencadeia em todo estado um grande movimento, através principalmente desses congressos que eram realizados no interior. Então, levavam o debate para Itumbiara, Rio Verde, Catalão, Jataí, Goiás. Os estudantes recebiam essas informações através desses congressos. Raramente eles aconteciam na capital. Isso vai despertando lideranças interioranas que quando chegavam à capital já estavam com o espírito trabalhado.

Outro grande momento é a renúncia de Jânio e a resistência para a posse do Jango. Em Goiás o governo do Mauro Borges, num fato inédito na história goiana, distribui armas para o povo resistir ao golpe juntamente com Leonel Brizola no sul.

Outro fato importante que influenciou essa efervescência foi a luta pela implantação de Brasília aqui no Centro Oeste. A juventude, as classes empresariais, há uma união da sociedade goiana para trazer a capital para cá. Isso já estava presente, esse espírito efervescente que explode com a luta pela legalidade.

Com o movimento em 1961, em função da renúncia do Jânio, Mauro Borges lança um manifesto aderindo ao Brizola em defesa do Jango, convoca a polícia militar e arma o povo através da sociedade organizada: os grêmios estudantis, federação dos trabalhadores, sindicatos dos trabalhadores recebiam armas através de seus representantes. O Cepaigo, os quartéis da polícia militar abriram os portões para o voluntariado que era treinado pelos oficiais para resistir ao golpe. As armas não foram distribuídas indiscriminadamente. Houve treinamento para o voluntariado, principalmente estudantes e trabalhadores organizados em seus respectivos sindicatos.

Depois disso o Brasil foi outro país. Ai vem a posse do Jango. Aí é lançada a grande campanha pelas reformas de base. Esse é o grande momento que o Brasil perdeu, o das reformas de base. A campanha foi feita através dos sindicatos, dos grêmios estudantis, da UNE que assume um papel fundamental, também, através da cultura ao criar a UNE Volante que percorre o interior brasileiro levando os grandes temas nacionais por meio do teatro e do cinema: reforma de base, reforma bancária, reforma universitária...

Outro grande momento é a criação da Universidade Federal de Goiás. Até o arcebispo de Goiânia, Dom Fernando, foi enterrado pelos estudantes no centro da capital. Aquela figura mística, quase intocável é desmitificado pelos estudantes. Eles vão para a rua e enterram dom Fernando com todo estilo, com toda a pompa e isso gera uma grande repercussão. Então esses

acontecimentos: Brasília, criação da UFG, criação da Petrobrás contribuem para a efervescência em Goiânia, que tem seu clímax na luta pela legalidade em 1961, quando há então uma integração quase total da juventude com os grandes temas nacionais.

MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS

Houve muito equívoco, aquele momento, todo aquele entusiasmo, aquela pressa da juventude... A revolução estava na próxima esquina esperando cada amanhecer a partir de 1961 com a posse do Jango, que lançou todas aquelas reformas num país que estava doente. Nós não queríamos reforma. Inclusive qual era o grande tema nacional, reforma ou revolução? É claro que a juventude optou pela revolução. Fomos viver isso aí, fomos buscar a revolução. Tanto que houve em Dianópolis, aqui no estado, um centro de treinamento de guerrilha. Famoso. Através do Julião um revolucionário de Recife que manteve contatos com o Tarzan, com o Élio Cabral, traz-se para Dianópolis um centro de treinamento em guerrilha, que teve um final trágico e que é resgatado pelo Lula (Luiz José do Rego) em seu romance Dias de Fogo. O Exército foi lá, dizem que foi até avião a jato, encontrou meia dúzia de carabinas descalibradas e o pessoal todo doente.

Houve um fato interessante, tinham dois pernambucanos servindo o Exército em Recife, eles assaltaram o paiol e vieram para Goiás trazendo as carabinas descalibradas para o Centro de Treinamento em Dianópolis. Lá ficaram meses completamente isolados, sem a mínima assistência. Praticamente eles se entregaram. Um pegou isipela, outros pegaram essas doenças tropicais e foram obrigados a abandonar o dispositivo em busca de atendimento médico. O Exército já não encontrou quase ninguém. A vítima disso foi o Tarzan, que foi preso. Na verdade, antes, em pleno governo constitucional, ele já havia sido procurado, preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Eu vivi todo esse processo porque morávamos no mesmo quarto de pensão. Foram noites de medo. Então, antes de 1964, a gente já vivia esse processo de tensão, de medo, de ameaças. Vivíamos quase que numa semiclandestinidadade.

Houve um movimento reivindicatório de terras em Porangatu e eu fui para lá levar umas mensagens para os estudantes. Tudo isso através do Movimento Revolucionário Tiradentes, dessa concepção de guerrilha de cercar a cidade pelos campos. Houve várias invasões de terra no estado de Goiás antes de 1964. A maior delas foi em Porangatu. Em todas elas nós estávamos dando apoio logístico através de advogados, de conselhos, de palestras, de conscientização. Ficou uma coisa interessante, os contatos mantidos entre os estados, principalmente Rio Grande do Sul e Pernambuco, que eram estados que também estavam em grande efervescência. Eles ficavam esperando que Goiás deflagrasse o processo; Goiás esperava o Rio Grande do Sul e o Rio Grande do Sul, por sua vez, esperava Pernambuco. Ficou aquele ciclo vicioso, cada um esperando o outro agir. Então, quando um movimento surgia a gente achava que a revolução estava próxima, estava a um passo.

Houve também um movimento do operariado nos grandes centros - São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul. Foram fundados o CGT, o CUA, esses movimentos reivindicatórios, grandes greves que começam a atingir as Forças Armadas, o movimento dos sargentos, o movimento pelo direito dos marinheiros se casarem... O país foi convulsionado por esses movimentos reivindicatórios, movimentos de organização, movimentos de conscientização. O movimento Paulo Freire de alfabetização de adultos foi também um grande momento na vida nacional. Aquilo envolveu principalmente a juventude universitária. Muitos foram para Pernambuco fazer curso, vieram para Goiás e colocaram em prática o método Paulo Freire. Foi um grande momento da vida cultural brasileira. O teatro de arena, a Une Volante com o cinema. Surgem o João Pedro, o Glauber Rocha, o Nelson Pereira dos Santos com Cinco Vezes Favela. A Une, os estudantes promovendo esse grande momento cultural: a música, a bossa nova, o Centro Popular de Cultura. O presidente da Une era um goiano, o Aldo Arantes. O presidente da UBES também foi um goiano, o Olímpio. De repente os goianos estavam tendo uma grande ascensão no movimento estudantil. Isso gera toda essa efervescência em Goiás.

O GOVERNO DE MAURO BORGES

O governo do Mauro Borges, vamos fazer justiça, era um governo planejado, um governo que fugiu dos padrões da época. O PSD era um partido na época comparado com faroeste, devido a violência que vigorava no interior do estado, na capital: um jornalista foi assassinado no centro de Goiânia; a Assembleia Legislativa foi várias vezes invadida por jagunços, havia a figura oficial dos jagunços. Depois a revolução institucionaliza a segurança, mas havia jagunços. A polícia militar era formada fundamentalmente por pistoleiros. Para ter qualquer promoção dentro da polícia era preciso ser bom no gatilho. O Mauro Borges completa a obra do Pedro Ludovico e faz um governo planejado, um governo técnico. Ele chama a juventude para participar. Tarzan de Castro foi oficial de gabinete do Mauro. O Zacariotti era subchefe da Casa Civil. Mario Roriz serviu na Casa Civil. Hugo Brockes foi chefe de gabinete. Toda essa juventude da UGES estava dentro do governo Mauro Borges. Então, era um governo democrático que abriu a participação especialmente para a juventude. E eles não participavam só do governo, participavam também da campanha. Tanto que o Péricles morreu na campanha.

A partir do comício da Central (Rio de Janeiro) é que vimos que o país estava à beira de uma convulsão. Ou vinha da direita, ou vinha da esquerda. Eram cem mil trabalhadores em frente ao Ministério da Guerra. Naquele momento nós sentimos que o país estava na iminência do acontecimento. Não sabíamos de onde vinha. Era sintomática a frase do Arraes, ele foi ao comício e quando volta para Pernambuco ele diz “estamos no momento de um golpe, agora não sabemos de onde virá.” Aquele momento a gente viu que foi um divisor de águas, que algo importante aconteceria no país. E realmente poucos dias depois...

O interessante é que foi uma grande decepção. Nós tínhamos tanta confiança nos dispositivos da esquerda, no movimento dos sargentos, nos operários, no CGT, na UNE, que quando o Mourão Guerra se levanta em Minas, a gente ri, a gente acha bom. A gente pensou, nós vamos esmagá-los agora e dar um grande passo para a implantação do socialismo no Brasil. Foi nosso grande erro, nossa grande decepção. Numa noite, sem a gente disparar um tiro, cai toda a nossa esperança, o nosso sonho de construção de uma nova nação, uma nova pátria caiu naquele momento.

A gente não tinha essa perspectiva de duração. Mesmo após o golpe a gente achava que com seis meses, um ano, a sociedade brasileira, as forças progressistas conseguiriam reverter a situação através de um contragolpe. E mais uma vez Goiás se sobressai no cenário nacional por causa da luta pela preservação do governo do Mauro Borges.

O GOLPE

No dia estava aqui em Goiás (cidade). Estava numa festa folclórica e quando cheguei em casa meu pai me deu a notícia de que havia arrebentado uma sublevação em Minas. Não dei muita importância, achei aquilo até salutar porque como já tinha falado antes “eles colocaram a cabeça de fora e agora vamos esmagar a serpente.” Mas imediatamente comecei a manter contato com os companheiros do movimento estudantil. Havia um movimento estudantil forte aqui, do Partido Comunista, o Adircério, o Lafaiete. Nos reunimos. Comecei a sentir que o negócio estava indo por água abaixo na madrugada quando as emissoras de rádio, ainda não havia televisão aqui, começaram anunciar adesões às forças golpistas. Você não via uma adesão de autoridade militar ao Jango. E no momento que ele abandona o Rio de Janeiro e vai para Brasília, eu vi que tudo estava perdido. Ai então foi a debandada geral e na madrugada com o apoio do 2º Exército vimos então que era o fim.

Outra grande ilusão, Mauro aderiu ao golpe. E aquilo o trouxe uma grande frustração. A gente esperava que Mauro fosse repetir 1961, que formasse novamente uma rede pela legalidade no país. Brizola volta para o Rio Grande do Sul e toma o Rio Grande do Sul. Mas não ficou nem uma noite porque foi traído. Tinha o 3º Exército na capital, mas as guarnições de Santa Maria, as principais guarnições do interior apoiaram o golpe. O general Adálio Teles era o comandante do 3º Exército e garante Brizola em Porto Alegre para uma reunião. Mas quando Jango chega ao Rio Grande do Sul vindo de Brasília ele desautoriza a resistência. Brizola insiste para que ele nomeasse o general Adálio Teles como ministro da Guerra para eles iniciarem a resistência, mas infelizmente todo o país já estava tomado; Mauro não aderiu, as guarnições do exército já tinham aderido ao golpe. Brizola ficou mais uma semana no Brasil percorrendo todo o Rio Grande do Sul tentando levantar a Brigada Militar. Mas infelizmente ele viu que era inútil a resistência e uma semana depois se asilou no Uruguai.

Aqui em Goiás de imediato a gente não sente nada, a não ser provocações, risos... Mas uma semana depois estourou as prisões. Prenderam o Lafaiete, prenderam vários estudantes. Eu

consegui escapar. Uma meia dúzia - eu, o Mendes, o Adircério conseguimos escapar. Fomos para Goiânia. Lá eu fiquei legalmente, no primeiro momento. Em Goiás, no início do golpe, eles buscavam atingir o governo do Mauro Borges. Era uma luta do PSD e UDN. Não era mais uma luta ideológica, clara alguns comunistas foram presos, mas as prisões se deram mais efetivamente, com mais rigor entre era os auxiliares do Mauro Borges. Vira uma luta política entre PSD e UDN. A UDN se sente fragorosamente derrotada e viu naquele momento a oportunidade de assumir o governo, o que acontece em novembro. Então, de março a novembro o estado de Goiás praticamente paralisou. E a gente tinha na presença do Mauro grande esperança de que ele também deflagrasse um movimento de resistência ao golpe. Mas a disparidade de forças era muito grande, uma policia mal armada, mal municiaada. E o Cruer já tinha certa divergência com a ditadura. O Mauro faz contato com o Cruer, com o Ademar de Barros para fornecer armas para Goiás, oficiais da policia de Goiás vão a São Paulo atrás de armas, mas é tudo negado. Mauro tinha a pretensão de resistir. Vários oficiais foram a São Paulo compor com Cruer à procura de armas para poder resistir militarmente ao golpe. Era um golpe e tinha o objetivo em Goiás de tirar um Ludovico PSD do poder. Aquele PSD mais progressista, do Mauro, da liderança do Pedro Ludovico. Tanto que compuseram aqui com Castro Costa, com Peixoto, aqueles do PSD mais conservador foram resguardados. Aqueles mais progressistas como Eurico Barbosa, também foram atingidos. Então eles fazem essa luta política.

Eu me lembro de que a gente sempre visitava o Tarzan no Cebaigo. Todos os domingos nós íamos visitá-lo. Ele ficou preso do início de 1964 até setembro. E nós fomos visitá-lo todos os domingos, tínhamos livre acesso. Também foram presos: o José Mendes, diretor do ginásio; o Lafaiete Moraes; e dois líderes operários e levados para Goiânia. Aí Mauro viu que eram prisões políticas, principalmente a do diretor do ginásio, apesar de ser um cara de esquerda a prisão dele era para atingir o seu governo – foi liberado.

É interessante que a igreja, no primeiro momento, apoia o golpe aqui também. Tanto que a primeira manifestação pública de apoio ao golpe aqui na cidade foi feita através de uma missa. No estado eu não sei, mas aqui na cidade de Goiás, a primeira manifestação pública de apoio ao golpe foi feita dentro da igreja do Rosário. Esse padre posteriormente se redimiou desse ato. Logo surge a Teologia da Libertação, o Congresso de Medellín na Colômbia.

Na época é feito um ato ecumênico. Os representantes da maçonaria, das igrejas evangélicas que eram muito fraquinhas na época fazem um comício pedindo medidas repressivas contra os comunistas da cidade. Isso foi numa 6ª feira. No domingo a polícia começa a prender essas lideranças estudantis na rua mesmo. Eu me lembro de que estava andando com o Lafaiete e o sargento chegou dizendo que o delegado queria bater um papo com ele. Ele foi, chegando lá ficou detido. Fizeram umas três ou quatro prisões aqui. Na época, Goiás era uma cidade muito conservadora. Havia aqui um movimento estudantil forte e havia muito preconceito, tanto que a prisão dessas lideranças foi aplaudida. Apenas as famílias dessas lideranças atingidas é que reagiram negativamente a essa repressão.

PERSEGUIÇÕES E RESISTÊNCIA

É claro, tinha que mudar de endereço, mudar de quarto, dormir cada dia num local em função da atuação nessa guerrilha de Dianópolis e do movimento estudantil que era muito forte. Toda vez que prendiam o Tarzan eu tinha que mudar de quarto. Minha atuação era mais dentro dos grêmios estudantis e do Centro Acadêmico Onze de Maio. Eu realmente não tinha uma grande visibilidade, era ofuscado pelas grandes lideranças. O Tarzan tinha uma personalidade muito forte, tinha uma liderança muito forte. Eu realmente era um pouco apagado diante dessas lideranças. A gente também estava em formação, estava estudando, pesquisando. A gente via essas pessoas, o Élio, o Tarzan, o Zacariotti quase como mentores. Era interessante porque às vezes tínhamos até posições divergentes, às vezes surgiam algumas dúvidas, incertezas. Um tinha uma proposta o outro tinha outra, um tinha uma concepção... E depois isso vai estourar após o golpe, em 1968.

Aí formamos - os centros acadêmicos, as universidades - formamos milícias, grupos para atuar contra o golpe contra o Mauro. Tanto que quando os tanques vêm de Brasília para Goiânia, deitamos no chão ali perto da Polícia Rodoviária Federal e formamos uma muralha humana para impedir a entrada deles na cidade. As tropas nos arrastaram, nos afastaram, usaram tiro de festim, jogaram gás lacrimogênio. Vimos que aquilo era inútil, nós nos dispersamos e fomos para a Praça Cívica. Agora houve todo um processo, foram noites, propostas imensas. Até que o nosso amigo Neso assalta o tiro de guerra em Anápolis. Ele, James Alen, o Belmiro... Aí sim, o Exército viu que havia algo sério em Goiás e aquilo contribuiu para o avanço do golpe no estado.

Os processos, as prisões, as torturas e a triste lembrança do coronel Danilo e do capitão Aníbal Coutinho que foram os mentores militares. Os mentores civis foram os da UDN: Emival Caiado, Hélio de Brito. Eu me recordo que fomos ao quartel do Exército, juntamente com o Rezende Monteiro, conversar com o coronel que era aqui de Goiás mesmo, me esqueci do nome dele, dizendo que nosso comandante era o Rezende Monteiro e que estávamos lá em apoio ao governador. E o Mauro toma aquela medida de apoio ao golpe e o Exército imediatamente também aderiu. Após o golpe esse coronel foi afastado e veio o coronel Havanir Rouchelas que era também do golpe, mas não era torturador, não era violento. Ele abriu vários IPMs. Aí o país foi tomado pelos famosos IPMs, pela Comissão Geral de Investigação. Fizeram uma devassa no governo Mauro. Esse Havanir agiu com certo critério, mas então não agradou os duros, nem a UDN que simplesmente queria a deposição do Mauro. Então substituíram o Havanir pelo coronel Danilo, de triste memória. Esse sim, ele assume na véspera do 7 de setembro, me recordo porque visitamos o Tarzan na véspera. No dia 7 de setembro nós estávamos no desfile quando chega a notícia de que o Tarzan havia sido transferido para o Exército e estava sendo torturado. Todos aqueles presos que estavam à disposição do Estado, que foram presos pelo Estado foram imediatamente transferidos para o Exército. Aí as prisões recomeçaram. Foram presos o Hugo Brockes e o Zacariotti. Fizeram isso através de escritura pública. Aí começa haver uma mudança. O Correio da Manhã abre espaço. O Tarzan manda uma carta para o Correio da Manhã denunciando as torturas em

Goiás. O Zacariotti também faz um manifesto denunciando as torturas e já alertando que a luta, as prisões, as torturas já não tinha um sentido ideológico, tinha um sentido político, visava depor o Mauro Borges. Então, o Mauro já sabia que estava irremediavelmente condenado. Naquele momento se tratava de saber se ele resistiria militarmente ou moralmente. O Palácio, a Praça Cívica tornou-se o centro, todas as noites íamos para lá. Eram reuniões, propostas, teses, sugestões de resistência, se o Mauro resistiria ou não. E aquilo foi trabalhando a emoção do povo goiano, tanto que Goiás ficou como um dos grandes centro de resistência à ditadura porque já havia sido trabalhada a emoção do povo goiano.

O governo Mauro Borges era um governo que tinha a simpatia, o apoio da sociedade. De repente esse governo é militarmente afastado, brutalmente com toda a violência militar. Goiânia é assaltada, ameaçada de bombardeio. Se falava em bombardear o Palácio das Esmeraldas. Um momento lindo foi o dia da deposição do Mauro. Ele sai do Palácio nos braços do povo. A Praça Cívica estava inundada, parecia que toda Goiânia estava concentrada ali. Na hora que os militares chegam com o decreto de intervenção, que foi a forma que encontraram de legalizar a deposição do Mauro.

Foi feito um acordo porque antes o Mauro obteve uma vitória estrondosa no Supremo Tribunal Federal de 5 a zero na votação do habeas corpus. Havia um habeas corpus concedido pelo Supremo que evitava a prisão dele. Ele requer esse habeas corpus e o julgamento é transmitido ao vivo pelo rádio para todo o Brasil. Você acompanhando o voto de cada ministro pelo rádio, a sua emoção extravasava, a nossa esperança estava naquilo ali, que o Mauro através de Goiás pudesse frear o golpe, pudesse enfrentar a ditadura. E ainda era uma ditadura disfarçada. Castelo Branco foi eleito pelo Congresso. Algumas instituições ainda funcionavam. O Supremo funcionava; ainda havia o instituto do habeas corpus. Ainda não havia a censura rigorosa à imprensa, tanto que o Correio da Manhã publicou a denúncia do Tarzan. Os grêmios ainda funcionavam. Então nós aproveitamos esse pequeno espaço democrático para poder respirar e construir alguma coisa também. Outros grupos já partiram para o preparo para a luta armada – o PC do B, o Polop.

Com o trauma sofrido pela intervenção, eles amenizaram um pouco o golpe em Goiás. A partir da intervenção, foi feito um grande acordo político entre o PSD e a UDN. Tanto que o Iris Rezende era presidente da Assembleia e permanece como presidente. Foi feito um acordo: Mauro Borges não seria preso, não seria processado, mas a Assembleia votaria pela intervenção e elegeria um governador indiretamente. Foram buscar um general gagá lá no Rio, que era o Ribas. Então amenizaram, concederam aumento para o funcionalismo público, fizeram tudo para amenizar o trauma da intervenção do Mauro. O Mauro permaneceu livre. Os secretários que haviam sido presos anteriormente, o padre Rui, o Ari Demóstenes foram transferidos para Juiz de Fora. Há uma amenização da repressão neste primeiro momento.

Em 1965, 1966 havia uma movimentação estudantil. Havia a ditadura, mas havia um espaço de movimentação. A Une funcionava. Ganhamos várias vezes a eleição dos centros acadêmicos, fui eleito presidente do DCE com chapa única. Veja bem, em plena ditadura a direita estudantil não teve condições de lançar candidatura para os grêmios estudantis, nem para o DCE. Dominávamos completamente o movimento estudantil em Goiás. Então, ainda

havia um espaço em que você podia respirar e atuar. Tanto que esses grêmios atuaram. A esquerda tinha todo o controle do movimento estudantil no estado de Goiás. Então, permanece um espaço. Os militares, tinha o grupo Castelo, o famoso grupo da Sobornne, tinham como meta o retorno às liberdades democráticas. O Castelo queria limpar a área dos comunistas e entregar o governo. Tanto que ele nem queria o Costa e Silva, o candidato dele era outro. O Costa e Silva foi colocado pela goela abaixo. Ele se impôs como candidato. Costa e Silva garantiu um pouco dessa liberdade. Tarzan foi libertado através de habeas corpus.

1968

Em 1968 teve o mês de maio na França, a morte de Guevara...A primavera de Praga, as primeiras contestações do socialismo, já haviam grandes divergências na União Soviética, ela já não monopolizava mais o pensamento da esquerda no mundo. Já havia o pensamento do Mao Tse Tung, já havia a resistência do Vietnã, a geração silenciosa dos Estados Unidos, o movimento hippie, o festival de Woodstock, a bossa nova no Brasil... No Brasil então havia um movimento cultural maravilhoso: teatro de arena, Nara Leão, Chico Buarque, o Cinema Novo, Glauber Rocha, aquelas novas concepções de estética chamada de a estética da fome; os grandes festivais de músicas de onde surgem Disparada, Para Não Dizer que Não Falei das Flores, Vandrê. Tinha essa grande efervescência que já havia antes de 1968. A passeata dos Cem mil no Rio de Janeiro, a movimentação estudantil no Rio de Janeiro, em 1967. 1968 é consequência dessa movimentação. Havia os deputados de esquerda atuando no Congresso: o Marcito, o Ermano Alves, o Márcio Moreira Alves... Nós mantínhamos contato com eles no Congresso, os trazíamos para fazer palestra em Goiânia. O DCE, a UEE funcionavam. Havia movimentação. Havia luta contra a ditadura. Aquelas reivindicações estudantis, as lutas específicas do movimento estudantil desapareceram. Todo esforço, toda a energia foram concentradas para vencer a ditadura, para recuperar as liberdades democráticas. Foram grandes manifestações: São Paulo, Brasília, Goiânia. A Faculdade de Direito foi várias vezes cercada. A faculdade centralizava todo o movimento estudantil porque estavam lá as principais lideranças estudantis. Preciso fazer justiça tinha também o nosso diretor Paulo Tormim Borges, conservador, católico, mas de uma correção muito grande. Como também o nosso reitor Jerônimo Geraldo Queiroz que tinha uma postura horrível de apontar estudante no meio da rua para ser preso pela polícia. O Romeu Campos, a professora Arminda Pergamini que abria a sala de aula para o Exército prender aluno lá dentro. A prisão do Hécio Brom aconteceu dentro da sala de aula com a complacência dessa professora Arminda. Então havia também a luta contra esses professores dentro da faculdade chamados de dedos duros que delatavam, faziam denúncias...

PRISÃO

A gente nem dormia mais, ficava a semana inteira fora de casa promovendo reuniões, passeatas. Aí a repressão aumentou também. A PM começou a cercar o movimento estudantil no estado de Goiás. Foi em 1966, quando fui preso. Fiquei alguns dias lá no 10º BC. Alguns se homiziaram, outros se exilaram. Na prisão fiquei uns dois dias só. Como Goiânia estava traumatizada com as denúncias de torturas havia uma pressão, uma vigilância muito grande da sociedade sobre esses estudantes que estavam sendo presos então não sofremos tortura. Sofremos guerra psicológica, palavrões, empurrões, ameaças de agressões físicas, mas isso não se concretizou. O presidente do nosso IPM na época está vivo, semana passada escreveu um artigo defendendo a ditadura.

O pior da prisão é a dúvida. Porque quando você é condenado a dez anos, sabe que vai ficar dez anos ali. Mas quando é preso sem nenhum julgamento, sem nenhuma condenação, você não sabe o que vai lhe acontecer. A solidão nas madrugadas na prisão é terrível, você não sabe como vai amanhecer, se será fuzilado, se será transferido, quanto tempo vai ficar ali. Pessoas já começavam a desaparecer, prisões ilegais, torturas. Nós não sofremos essas torturas por causa da denúncia do Tarzan que chocou, a opinião pública de Goiás. Então quando fomos presos abriram esse IPM contra nós, vários estudantes, houve essa pressão da sociedade, da maçonaria, da OAB - o Dr. Rômulo Gonçalves, que morreu recentemente debaixo de um silêncio geral, nos visitou na prisão. Tem um fato interessante. Nós estávamos numa sala, quando ele chega lá o coronel aponta para nós e diz “aí, não está preso não, estão em sala.” Dr. Rômulo com toda a calma disse “não coronel, pode não ser uma prisão para vocês que estão acostumados com cadeia, mas para nós civis mesmo uma cidade pode ser uma prisão”. Ele foi muito duro, muito firme, muito corajoso e impediu que se consumasse alguma violência contra nós. Então, à medida que íamos depondo, íamos sendo liberados. Mas houve esse constrangimento. Ficamos marcados. Chegávamos na faculdade éramos olhados de modo diferente. Aí veio o grande problema. Formei e agora? Fazer concurso. Me preparei para ser juiz. Abria concurso para juiz, procurador, promotor. Você se inscrevia e sua inscrição era rejeitada. Você não podia apresentar o chamado Atestado Ideológico. Para qualquer cargo, qualquer concurso, até para ser professor primário em uma corrutela, exigia-se o atestado ideológico, que era emitido pelo DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social. Havia lá toda a sua ficha. Você não ia lá, mandava alguém – sua esposa, seu irmão, sua mãe. Como você ia à toca do leão buscar um atestado sabendo que estava fichado? Você tinha certeza. Ia mesmo para desencargo de consciência. E quando chegava lá faziam toda a pressão querendo saber onde estávamos. Todo o serviço de informação era feito pelo Ministério Público. Os promotores eram encarregados de fornecer as informações para o SNI – Serviço Nacional de Inteligência. Só me restava advogar. Quando chegava ao Fórum o promotor mandava tomar cuidado. Alguns promotores incompetentes sabiam que eu ia pegar uma causa e já me pressionavam. Já chegava para as audiências amedrontado, em estado de alta tensão psicológica. Muitas vezes não tinha nem condições morais de defender o cliente.

AI5

Foi repressão total. Há um caso interessante para você ver a influência da cidade de Goiás. O Suplicy Lacerda, que era ministro da Educação, estava com um osso na garganta que era a autonomia dos centros acadêmicos. Como eu disse anteriormente, os centros acadêmicos de esquerda permaneceram com o controle da política estudantil. A Une, os centros acadêmicos mais importantes do Brasil: Faculdade de Direito de São Paulo, a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro... Ele tinha que cassar a autonomia. Ele visita a cidade de Goiás e é saudado pelos representantes dos estudantes. Aqui, na década de 1945, o grêmio estudantil era chamado de centro cívico. Então, deu um estalo nele e ele decidiu transformar os grêmios em centros cívicos, mudando toda a estrutura do movimento estudantil por meio de um decreto. Logo após a edição da medida, os centros acadêmicos se rebelaram, não aceitaram a imposição da lei. Nós formamos os centros acadêmicos livres. Foi um equívoco. Na época a gente até defendeu que fôssemos para a disputa e que ganharíamos as eleições, que a sigla não importava, o que importava era o conteúdo, era a atuação desses centros. Mas o radicalismo na época era muito grande, o importante era contestar mesmo a ditadura. Então, optou-se por entregar os centros e formar os centros acadêmicos livres. Mas não tínhamos estrutura, não tínhamos telefone, não tínhamos sala... E o que é referência? É o local, nós não tínhamos esse local.

Uma das minhas prisões aconteceu em Goiânia. Eu fui preso por mais uns dois dias. Esse ministro veio a Goiânia e coincidentemente eu estava na Faculdade de Engenharia, próximo à Reitoria, quando falaram que o ministro estava lá. Então fui para lá, entrei no local. Eu pedi a palavra e fiz um discurso incendiário, carbonário contra essa Lei Suplicy Lacerda perante o ministro, perante o reitor que era o Jerônimo Queiroz, que era um repressor tremendo, rancoroso. A mulher do ministro estava lá. Toda a assessoria do ministro era militar. Aí não deu outra. Termina a solenidade, o reitor telefona para o DOPS me prender porque eu estava perturbando a recepção ao ministro. Quando estou saindo me prendem e me levam para o Dops. Quando chego lá o delegado pergunta: cadê a ordem de prisão? Não tinha. Ela tinha sido oral. O delegado fala que sem ordem de prisão não vai ficar comigo e manda me levar para o Exército. Chega ao Exército a mesma coisa. Fiquei um dia rodando e sem ordem de prisão mandaram me levar para a PM. Na PM a mesma coisa, o coronel me manda de volta para o DOPS. Chego ao DOPS, o delegado manda me levar para o reitor. Quando chego no reitor ele se esquivou e disse que não tinha mandado me prender, que tinha sido um equívoco. Aí eu fui solto. Havia muito disso também.

Uma coisa interessante também, isso aconteceu comigo, que depois da prisão, dos três ou quatro dias que fiquei lá 10º BC, fui saindo e um sargento mandou eu voltar. Era para acertar a minha permanência. Tinha que pagar a refeição e o pouso. Tive que pagar os três dias que fiquei lá. Todos tinham que pagar. Você sai da cadeia sem um puto no bolso. Ai tinha que telefonar, buscar os familiares para pagar sua estadia no quartel, no 10º BC.

Depois eu me formei, fui procurar contatos. Aí já estava bem difícil. Difícil encontrar contatos, focos de resistência, grupos resistentes. O grande problema da esquerda na época foi a desunião. Uma imensa gama de informações, de teses, de propostas, de estudos e análises da realidade brasileira. Cada um com uma tese mais brilhante do que a outra. Isso facilitou a repressão. Essas quedas foram facilitadas pela desunião. De repente Val Palmares, VPR,

Colina... Formava-se um movimento hoje e amanhã já havia dissidência desse movimento. Cada um com uma teoria, com uma visão própria da realidade nacional, com uma estratégia própria para combater a ditadura. Para mim isso facilitou muito para a repressão desmontar esses movimentos de resistência que surgiram no Brasil pós 1968. Esses movimentos tomam maior amplitude após 1968. Já havia um arremedo. O PCdoB já tinha a guerrilha montada no Araguaia há muitos anos. Já havia a VPR - quando me formei em 1967 mantive contato com a VPR. Depois esses grupos logo se dissiparam também. Havia muito voluntarismo, muita fragilidade, muito entusiasmo. Você não sentia um movimento forte capaz de derrotar a ditadura. Para mim, isso facilitou a repressão.

O VPR, o grupo que me liguei, mergulhou totalmente na clandestinidade. Todos. Eu não, eu continuei com uma vida semilegal, mas os contatos que eu tinha desapareceram todos. Uns foram presos, outros exilados, outros procuraram asilo, outros se lançaram na clandestinidade absoluta. Era difícil o contato; era temerário, poderia colocar em risco a segurança da gente, do companheiro que você procura. Aí você se isola. Esse é o pior exílio – é o exílio dentro de sua própria pátria, dentro de sua cidade. Eu fiquei aqui completamente isolado dentro dessa cidade, vivendo a exclusão – você se torna um elemento perigoso.

Em 1968 voltei para Goiás, no meio do ano e procurei contato com a VPR, os contatos que tinha com a VPR sumiram todos. Fui a Brasília, mantive contato com o Abreu. Chegando a Brasília acontece um fato interessante. Tinham uma relação com a Síria. O Partido da esquerda assume o poder na Síria e dá um apoio ao grupo do Abreu para a formação de quadros: comunicação, terrorismo, explosivos. Eu estava prontinho para ir para lá fazer um curso de comunicação. O filho da puta do embaixador da Síria puxa um “fogo” no Rio de Janeiro, bate o carro e a polícia o prende. Eu já estava arrumando toda a documentação, já tinha falado para minha mãe que tinha arrumado um emprego em Brasília, até que numa noite chega a notícia: some todo mundo porque o embaixador foi preso, pegaram toda a documentação dele e todo o plano, todo o projeto está comprometido. Me lembro de que foi na noite em que o Pelé marcou o milésimo gol dele. Eu corri para a rodoviária, peguei o ônibus e voltei para Goiânia e de Goiânia direto para Goiás.

AS MARCAS

Você é olhado com desdém, com desconfiança. Você representa o perigo, você representa uma ameaça. Ninguém quer nem amizade com você. Seus amigos correm de você, a família obriga o término de qualquer namoro. Você não arruma emprego, não arruma qualquer trabalho. Dentro do seu próprio grupo familiar você é olhado até com certa hostilidade. Você é a ovelha negra da família. Com um diploma na mão não arruma trabalho, não pode prestar um concurso, tem que viver à custa dos irmãos. Eu formado, com o diploma na mão, tendo que viver à custa dos irmãos. Não arrumava emprego nem de professor. Em 1972 eu consegui um emprego de professor num ginásio lá em Novo Brasil. De 1968 a 1972 eu vivi à margem da sociedade. Isso é exílio. É o pior deles, sem contato com ninguém. Não tinha ninguém para

trocar ideia, para te informar alguma coisa, para lhe aliviar, para desabafar. Você fica totalmente à margem de todo processo social. Você não existe. Ninguém lhe olha, ninguém lhe respeita, ninguém lhe dá credibilidade. Para você ver como é esse isolamento, até uma associação religiosa na qual eu tentei entrar aqui em Goiás me renegou. Então você não existe.

Você vira uma pessoa leprosa, qualquer contato com você é contagioso. Você não dormia, tanto que eu tenho insônia até hoje. Qualquer barulho acha que estão lhe prendendo. E as ameaças? As ameaças veladas, as ameaças explícitas: “ó, está chegando uma caravana na próxima semana, toma cuidado”; “olha vieram pedir informação a seu respeito”; “toma cuidado”; “estão atrás de você”. Todo esse processo de medo, de ameaça, de coação transforma você numa pessoa medrosa. Você se transforma, vira outra pessoa. E o pior: seus amigos presos, mortos, torturados... Será que é verdade, será que ele foi morto, será que está vivo, que foi torturado? Você vai perdendo o encantamento com a vida se torna uma pessoa sem compromisso com nada, cética. Vai se desumanizando. Vai se tornando uma pessoa retraída, tímida, sem ação, sem qualquer iniciativa própria. Porque no exílio você tem contatos com grupos lá, tem informação. O Tarzan sempre diz, a melhor informação que você tem é no exílio. Lá você tem liberdade de locomoção, de expressão, de reunião. Aqui não, no exílio na sua pátria você não tem direito, você não respira. O ar se torna irrespirável. Você não tem direito a nada, não tem informação sobre nada, você não tem amizade, você vive sob constante ameaça, sob permanente pressão, até dentro da família. Você se torna um marginal. Esse é o pior exílio, o exílio interno. Você se torna uma pessoa depressiva, sem ação. No momento em que abre uma perspectiva você já não tem entusiasmo.

Em 1972 aconteceu o pior: cometi a loucura de me casar. Fui para Novo Brasil, tinha um primo que morava lá e me arrumou um emprego. No fim do ano corre a notícia de que tinha um comunista na cidade, fui exonerado. O delegado me ameaçou, tive que sair da cidade e fui para a roça, não tinha nem casa para morar. Deixa isso aí, não gosto nem de lembrar isso...